

● Descubra a tradição de um lugar: O encontro entre nativos e biribandos em Trancoso, sul da Bahia

*Fernanda Carneiro e Roberto Bartholo**

Resumo

Esse artigo é derivado da tese de Doutorado (COPPE/UFRJ, 2003) - Herdeiros da Terra - memória, alteridades e comunidade: o Encontro entre nativos e biribandos nos anos 70 em Trancoso, sul da Bahia. Trata-se de uma pequena mostra do testemunho de uma geração e de uma época. Trabalha o conceito de alteridade e comunidade, numa abordagem referenciada nos ensinamentos de Martin Buber.

ivt Instituto
Virtual de
Turismo
www.ivt-rj.net



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



Introdução

Na beira da praia um povoado de gente da roça. Aluguel não tinha, comida ganhava. Não via nota de dinheiro. Comer carne ninguém comia a não ser caça do mato. E muito peixe. Muita fartura, muita fartura, até de caranguejo. Em ponto da falta, não faltava nada, a não ser energia e água encanada. Apanhava água no rio. Fazia adjunte de roçagem e das casinhas - todas lindas, alisadas com as mãos. Todo mundo ia ajudar no barreiro... tinha um canto... é, cantavam... pra roçá, pra barreá... num instante subia a casa. De barro, palha, cipó e madeira, a maioria permanecia vazia... mas era ocupada nos dias de festa! Porque aqui, ó, o primeiro interesse do pessoal daqui era fazer uma festa.¹

Muitos foram os que passaram por Trancoso, desde o Descobrimento - navegadores, escrivãos, jesuítas, viajantes, e até um príncipe, o Maximiliano, de Wied-Neuwied², que era curioso e caçador. Com diferentes objetivos, crenças, ideais e histórias de vida, eram bons contadores de causos. Deram notícias de suas andanças em livros, cartas, ou à volta de fogueiras ou de um fogão à lenha com uma xícara de café na mão, a cocada do lado, né? conversando, sabe? Na prosa de um botequim... ou em filmes, vídeos, monografias, e agora, nestes escritos.

Gente desconfiada... vivia à espera. De um tropeiro, romeiro, visitante e das graças do Divino Espírito Santo. Assunte aí o que nos contam os velhos nativos:

De primeiro³, aqui pintava muito deportado, até hoje... ladrão de estrada, ciganos... gente de bando. Nós sofrimos muito com isso. Biribando era alguém esperto que roubava as mercadorias na estrada. Aí, pessoa que você não sabe de onde vem, não sabe a origem, era "deportado de biribanda", vindo de outro canto, não prestava. O pessoal chamava

biribandos aqueles que chegavam e ninguém sabia quem eram.

Trancoso era escondido. Tinha um paradeiro... o lugar estava em decadência. Naquela época vinham muitos ciganos, tropas com animais, romeiros, e ninguém sabia de onde eles vinham. Era mais um forasteiro que estava aparecendo por aí, não vinha em massa, vinha pouca gente. Ninguém ficava. Uma vez por mês uma navegação baiana vinha. Tinha a primeira classe, segunda classe, trazia mercadorias e uma terceira classe de malandros que despejavam em Caravelas. Por isso sempre que alguém andava na praia podia topar com um tipo desses.

Essa estrada aqui pra Porto Seguro foi feita a braço de homem. Todinha. Que estrada mesmo não tinha. Essa estrada por baixo, que chamava Estrada do Escondido, era tão estreita que até rasgava a moqueca de farinha, aqueles toco, apertado. Não tinha rodagem em canto nenhum! Tinha que andar no meio do mato, na perna, tudo! A estrada positiva que tinha era a praia. No inverão mesmo, que é julho e agosto, quando batia o vento sul... daí a barra pesava, ninguém saía, ninguém entrava, num vinha nada pra cá, num ia nada pra lá! Era preciso esperar navios com notícias e coisas. Notícia vinha por código de navio. Aí a notícia chegava aqui. Vinha por telégrafo também. O primeiro avião que chegou praqui foi aquele tal de cariocão esse aviãozinho pequenozinho, o teco-teco mas já foi agora desses anos pra cá. O Zepelin foi um dos primeiros. Passou aquela coisa grande... todo mundo espantado a olhar, que o princípio dele já aparecia do lado de cá da igreja e o rabão ainda sobrava do lado de lá. E aquela coisa lentina... no céu, por trás da Igreja... O nome dele era dirigível.

Quem fez essa estrada de chão aí foi Joaquim Grande junto com os outros. Ele

* Este trabalho foi apresentado no 7º ENTBL, Encontro Nacional de Turismo de Base Local, realizado em Ilhéus de 4 a 7 de novembro de 2003

** Mestrando em Engenharia de Produção na COPPE/UFRJ e pesquisador do IVT-RJ

1 As frases em itálico são construções a partir das falas dos entrevistados. Quando o conteúdo exigir identificação do informante (nome, idade) ou qualquer referência elucidativa será indicado entre parênteses. Quando a fala for de viajante, colocaremos a palavra (biribando) entre parênteses, com a data de chegada do informante a Trancoso. Todas as entrevistas foram dadas entre 1999/2003.

2 Após a abertura dos Portos em 1808, virou "moda" viajar e relatar viagens ao Brasil. O Príncipe de Wied-Neuwied passa pela região de Belmonte até Porto Seguro, e nos deixa o relato mais minucioso que se tem da região de Trancoso, no século XIX. As caçadas são centrais em suas narrativas, a alteridade que encontra é para ser dominada, e dos índios, o que ele quer é a sabedoria que têm da mata e a resistência para carregamentos, numa relação meramente utilitária. (SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos (1993). Espelho do Progresso - O Brasil sob o olhar dos viajantes estrangeiros (1808-1858) - Tese de Mestrado - COPPE/UFRJ).

3 A memória aqui alcança a década de 30-40-50-60, do século XX.

trabalhava na estrada com um candeeiro. Foi Delcio⁴ que botou nós pra trabalhar. Foi nosso primeiro ganho. A primitiva estrada cortou por aquele brejo. Toda vez que passo ali, me lembro também do velho Antônio Grande. Foi uma fera aquilo ali. Primeiro ele esticou tudo pra depois nós botar barro, em galeota, até fazer estrada. Quando nós chegamos ali no mangue onde é Dadinho, na época era dos Barreto..., ele pensou - E agora, a travessia? Aí, ele estudou, ele mais João de Antídio, e aprontou as madeiras.

Faz só uns 30 anos que começaram chegar os primeiros turistas - hoje é turista, naquele tempo era hippie. Depois é que foi chegando os mais ricos. Os primeiros que ficaram foram Joel e Leila. Os dois começaram a fazer o mapa, foram mandando o mapa pra fora e outros foram chegando.⁵

Leila e Joel nos contam o impacto de sua chegada, em 1973.

Meu Deus! Que encanto! Quando subi a ladeira... uma visão! Eu olhei esse Quadrado, tive assim, como um... sabe quando seu coração pára um pouco e depois começa a bater acelerado? Todo esse verde, essa mata atrás, essas casinhas, e aquele pé de goiaba também... Tinha jaqueiras carregadas pelos caminhos. Aquele quadro, ficamos ali parados. Aí eu disse: - Ah, eu vou ficar aqui.

Todo mundo tinha sumido, não tinha um ser vivo. Não tinha uma galinha, um jegue, nada. Na hora que subimos a ladeira o pessoal já tinha avistado a gente de longe. Eles acharam que eu e o Joel éramos ciganos. O Joel tinha o cabelo comprido e eu também, uma riponga. Devia estar envolta em algum pano ou alguma coisa assim.

Vimos procurando um lugar tranqüilo, um tipo de vida simples. Eu queria sair de São Paulo, fugir de algumas coisas. Na época eu já morava em Paraty, que já

estava sendo destruída pelo turismo que estava chegando, e um amigo, Omar, tinha passado aqui pra ver uma fazenda "pra fazer uma comunidade". E fizeram várias fotografias. Falou que era uma região onde "só Cabral tinha passado", e depois tinha sido esquecida. Isso me encheu de ilusão.

Contou sobre Porto Seguro, que a gente atravessava um rio e tinha um lugarzinho, com uma igrejinha, e que o padre emprestava casa pra ficar. E Joel e eu viemos ver Arraial d'Ajuda, que era uma vilazinha encantadora. Chegamos dia de São Pedro. Dia de festa. Aí passamos o mês de julho. Até que um dia, seu Zé de Efigênia, tinha um trabalho pra fazer em Trancoso e chamou a gente pra vir junto. A pé. Era um senhor que sabia fazer fogão a lenha e fornos de barro. Foi o nosso guia. A gente veio vindo pela praia e foi assim... uma viagem.

A praia é toda muito linda. Mucugê... Pitinga... Pedra Preta... Lagoa Azul... Lá no Rio da Barra, fomos apresentados a dona Ordana. Tomamos café, comemos biscoitinhos de nata e de goma que ela mesma fazia na farinha. Senti aquela coisa boa que a gente sente quando está chegando em Trancoso.

Seu Zé conhecia todo mundo. Era uma pessoa falante, gostava de uma cachacinha, um bom amigo. E assim foi fácil se relacionar. E dentro da ética local, fomos de casa em casa, sendo apresentados. Eles queriam saber tudo da gente. E nós queríamos saber tudo deles. Tudo sem pressa... Bernardo Guarda e Madalena nos convidaram pra pernoitar na casa deles, mas não antes de ir a uma festa no Rio Verde, um recanto bem guardado pela gente do lugar. Que pernoitar que nada! Foi uma farra até de manhã. Só voltamos a Arraial pra pegar nossas coisas.

E Dona Inácia arremata: - As pessoas chegavam, a gente ficava muito curiosa.

4 Délcio Borges, 85 anos. Foi o primeiro vereador eleito pela Comarca de Trancoso, Distrito de Porto Seguro, em 1970.

5 Texto editado das falas de Daglória, Bernarda, Dica e Delcio Borge, Zé Lumbriga, Raimundão, Flô, Seu Pedro Palma, Dona Angelina, Damião, Florivaldo, Dona Inácia.

1 Para diferenciar os viajantes dos anos 70 dos outros viajantes dos tempos imperiais, serão referenciados aqui nesta tese como biribandos. Será identificado entre parênteses (biribando) - para diferenciar sua fala dos nativos. Biribando era o termo usado de forma bem-humorada pelos nativos para se referir a nós, viajantes dos anos 70. Mariângela Daibert cita "nas década de 1920 e 1940 há notícias de 'biribanos sem qualificação' deixados nas praias de Porto pelos navios de linha (Fontana, 1988, p 133)". Trancoso uma história de vida e educação, 2002. Tese de Mestrado, p 42. Associação de Ensino de Itapetininga (SP). Depoimentos de nativos confirmam. O dicionário Aurélio (2000) traz o termo biriba com vários significados regionais: tropeiro de mula (RS), e cheio de melindres, desconfiado. É citado em O livro de ouro da História do Brasil de Mary Del Priore et alii, R.J: Ediouro, 2001, que no século XVII, entre os colonos que fixavam-se com seus gados e escravos, muitos podiam ser ladrões, e não faltava quem organizasse bandos, agindo em assaltos pelas estradas. P.55.

2 BUBER, Martin (1982). Do Diálogo e do Dialógico. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. Principal referência teórica da pesquisa.

3 Ouvimos no total 52 pessoas. Em 1970 o Povoado não chegava a 500 habitantes. Organizamos um banco de dados categorizados em temas, palavras-chaves e personagens que podem servir de base para ações culturais voltadas para preservar o patrimônio relacional de uma comunidade histórica.

4 Conceito de Antônio Cândido. Geração: "experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração julgam-se, a princípio, diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando iguais, para se dissolver nas características gerais de sua época". V. Prefácio de Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, 1991, P. 9

5 Afinidade seria o princípio de instabilidade responsável pela continuidade do processo vital do parentesco (Viveiros de Castro. Atualização e contra-efetuação do virtual: o processo do parentesco p 423. Esta idéia referida ao "parentesco" da sociedade ameríndia, permitiu-me associar com algo que me parecia confuso na trama familiar da comunidade de Trancoso.

6 Usado aqui nas duas acepções apresentadas por Lima Vaz: 1- morada dos seres - a casa dos humanos, habitat construído; 2- costumes e estilos de vida e ação que garantem o abrigo profetor, incessantemente reconstruído na prática de cada indivíduo, em relação. O ethos diz respeito, então, a um constante repetir dos mesmos atos. "O modo de agir do indivíduo, expressão de sua personalidade ética, deverá traduzir, finalmente, a articulação entre o ethos como caráter e o ethos como hábito. (Lima Vaz, Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura. São Paulo: Edições Loyola, 1993:14-15).

Uns diziam: - Cuidado, povo hippie é gente perigosa, é subversivo. Achavam que era subversivo porque tinham notícias da ditadura.

Modos de assuntar

Sou também uma biribanda¹, uma viajante dos anos 70, sujeito também dessa pesquisa. Tenho um compromisso com o lugar. Nossa tarefa de produzir conhecimentos assuntando com a população local, observando, contemplando e tomando conhecimento íntimo, configura um modo relacional onde a reflexão teórica e o trabalho de campo são enraizados numa abertura dialógica de espírito buberiano (Buber, 1982)^{2,3}. Nossa pesquisa se alimenta de 25 anos de convivência-reflexão com pessoas íntegras, amorosas e divertidas da comunidade. Este trabalho é uma resposta a percepções que me instigaram à tarefa:

a- A população mais velha está em idade muito avançada tornando premente não deixar que o esquecimento apague sua preciosa memória.

b- Há um apelo dos que buscam pensar um turismo de base comunitária no Brasil por afirmar um compromisso ético que valora positivamente a história do lugar e a vida em comunidade (Irving, 2002).

Nesse trabalho delimitamos um corte no tempo. Os acontecimentos vividos que se quer memorar referem-se ao período até 1982 - ano da inauguração da luz elétrica, a energia, com forte impacto no ritmo e modo de vida local. Até então, em noite escura, havia um meio próprio de ver o mundo: Você tem que prestar atenção, sentir os obstáculos... quando chega gente de cidade aqui, cai dentro do buraco, da lama, tropeça no degrau, bate com a cabeça nos portais. Com o tempo, você andava por aí no escuro com muito mais facilidade. São

coisas que você aprende (Ricardo, 1975).

Encontros de uma geração⁴ e de uma época, são aqui percebidos com base nos conceitos de **alteridade** e **comunidade**, conforme ensinamentos de Martin Buber. Para este mestre, a fenomenologia da palavra e a ontologia da relação fundamentam uma antropologia filosófica e uma ética do inter-humano, onde se distinguem três esferas relacionais fundamentais: 1. com a natureza; 2. com os homens; 3. com os seres espirituais. **Em cada esfera é possível distinguir dois modos relacionais fundantes: Eu-Tu e Eu-Isso**, onde os Eus expressam diferentes possibilidades existenciais: a relação vinculante e interpessoal Eu-Tu e a experiência objetivante Eu-Isso. **O Eu da relação Eu-lisso quer conhecer o mundo, ordená-lo, estruturá-lo, vencer sua resistência ou inércia e transformá-lo em objeto de uso e experiência.** Cada Eu da relação Eu-Isso se afirma no que pode fazer ou ter. **O Eu da relação Eu-Tu configura um outro modo de existir. Um movimento de recuo abre espaço para a presença da irreduzível alteridade do Outro - valor primordial.**

Consideramos nativos os nascidos na região e moradores do território da antiga aldeia no momento do Redescobrimto (1970-1982) pertencentes às famílias tradicionais, ligados por **afinidades relacionais**⁵, com valores, costumes e hábitos comuns. Os nativos têm seus credos e condutas configurados pelo ethos de Trancoso Antigo (Lima Vaz, 1993:14-15)⁶. Cada um deles se identifica como nativo e se reconhece da comunidade. A comunidade se reconhece neles.

Alteridades

A região do Descobrimto não foi marcada por ciclos econômicos notáveis. Casas de farinha, pequenos engenhos, roças e pequeno comércio compunham sua

economia. Situada em lugar mais escondido, a gente de Trancoso só sabia esparsas notícias do que se pensava e do que se passava no mundo de fora, por ela identificado como mundo moderno. Mas sabia tudo do lugar.

O mundo de fora vivia mudanças éticas e ideológicas importantes. Tem destaque aqui a subversão contracultural dos movimentos hippies, feministas e ecológicos. Mas o que se descobre não é independente do momento da sua descoberta. Era o tempo do "milagre econômico brasileiro" e da Ditadura Militar, promotora da chamada "integração nacional" apoiada na construção de várias estradas.

Foi a estrada BR-101 que permitiu o Redescobrimto nacional da região de Porto Seguro e do litoral do sul da Bahia. A paisagem, habitada há quatro séculos por descendentes de índios, portugueses e negros, numa convivência peculiar, à deriva dos grandes ciclos econômicos, sitiava uma formação social que não recebeu impacto significativo das iniciativas modernizantes do processo de desenvolvimento brasileiro. Em Trancoso viviam-se costumes do século XVIII e XIX. Para os biribandos, que chegaram a Trancoso nos anos 70, e alguns fizeram dali sua morada, a viagem assume o aspecto de encontro com a alteridade. Porém, diferentemente dos viajantes estrangeiros dos tempos imperiais, nosso encontro com os nativos revela algo paradoxal: uma alteridade familiar, mas, ao mesmo tempo, inteiramente outra e... sedutora. Parecia-nos que pertencia a um mundo não demarcado por vantagens de natureza econômica nem por algum pressuposto utilitarista ou individualista que intermediasse a relação interpessoal. No encontro com os nativos abria-se um mundo repleto de sentido e que éramos impedidos de perceber em nossos lugares urbanos de origem. Este encontro nos propiciava incluir cada pessoa face a nós, e

a viver um diálogo com o acontecimento do mundo. Era a vivência do acolhimento e da reciprocidade (Buber 1974:3-18). Não foi uma viagem comum, foi toque existencial. Uma comunidade veio a nosso encontro.

Os biribandos dos anos 1970 vivem um denso encontro com as raízes do Brasil e as misturagens de outras gentes que fincaram sementes e colheram frutos nessa terra. A abertura ao outro, o acolhimento, a hospitalidade e a festa são marcas identitárias desse povo que habita **uma larga praça de encontros e rituais, desde antes da chegada dos portugueses**. A atual Praça São João, Quadrado Histórico, tombado pelo Patrimônio Histórico, era a antiga Aldeia São João, fundada pelos jesuítas (1586). Consultar pistas documentais nos revela algo delicioso: aquela comunidade começa a existir na História do Brasil, pela palavra do jovem jesuíta Aspilcueta, que em 1555 relata, em carta à Nóbrega, **seu espanto de encontrar uma "aldeia onde estava gente de outras aldeias que eram vindas às festas dos feiticeiros"** (Capistrano, 1960).

A chegada a Trancoso faz ressoar as palavras de Buber: "no começo é a relação" (Buber, 1974:20), um momento "fortemente rico de presença" onde o corpo comovido experimenta o 'estar bem longe'. E até os anos 70, Trancoso era só aquele mesmo Quadrado - pra lá era mata, mata, mas mata, mata mesmo! E lá vem, todo dia santo de festa, o povo da roça.

Nessa praça habitava um povo miscigenado por encontros interculturais entre índio(a)s, negro(a)s, e branco(a)s, de diferentes nações. A heterogeneidade é ao mesmo tempo genuína e é o Brasil. E este Brasil, era uma comunidade. Naquele tempo, na concretude dos vínculos interpessoais, os biribandos interagem, aprendem e transmitem saberes. E vão deixando também suas influências. Assim, na reciprocidade, ao

pisar esta terra, vivem a oportunidade de assumir um movimento que não é a contemplação exterior de um espetáculo-objeto, mas um movimento de iniciação que penetra na realidade do lugar e da comunidade que se quer tomar conhecimento íntimo.

Para quem conviveu por ali nos anos 70, foi um tempo fascinante. Como transmitir às novas gerações de moradores e aos viajantes contemporâneos a memória do que não deve ser perdido? Como evitar a desagregação de uma comunidade? Uma pesquisa com interesse social, desde a fase do trabalho de campo, revitaliza a memória e a arte de contar histórias, valoriza o encontro autêntico como essência da vida humana e pode gerar ações culturais, oficinas de leitura e de artes cênicas... Através dessas narrativas e novos encontros, leitores e ouvintes, viajantes e turistas poderão se transportar a outros tempos e outros lugares, e nos encaminhar para o encontro com o outro. Uma graça, um gosto de brincar, o lúdico são imanes em cada momento da vida cotidiana e são condutas predominantes no modo de vida local, voltados para a centralidade da festa na trama comunitária - porque aqui, ó, o primeiro interesse do pessoal *daqui era fazer uma festa*¹, afirmando aspecto fortemente enraizado na dinâmica das identificações culturais do povo brasileiro.

Trancoso -aldeia, villa, povoado... comunidades

Era uma vez... a utopia...

... serra, rocinha, dunas, água doce, areia, mata fechada...

temporal vem e deixa o mar manso...

a terra é perfumada

o movimento vivo é a pesca, a caça e a festa.

Espiritualidade é ajuda, sua construção, a comunidade.

Espaço e ritmo parecem perfeitos.

Qual o significado da categoria comunidade aplicada à situação de Trancoso, anos 70?

Ao apoiar-me sobre a idéia de comunidade proposta por Buber como pedra angular de seu pensamento social e político, não posso deixar de vincular tal idéia à sua vida vivida, que passou pelas experiências de "ser um patriota germânico, um ativo sionista, um místico judeu e um desapontado socialista" (1987:15). E também me perguntar se não seria anacrônico adotar, neste princípio de milênio, tal perspectiva. E ainda mais fazer dela elemento de base no esforço de compreensão da identidade de um povo rústico do Brasil? Mas sinto que nem tanto... A obra do mestre me leva à janela e aponta com a mão para algo que não havia ainda sido foco de minha atenção. Ouvindo palavras memoradas, vou compreendendo nossa própria herança histórica, assumindo um ponto de vista com os pés assentados na terra brasileira.

Em cada lembrança de encontro se concebia a "identidade" do outro como referência de um vínculo de compromisso pessoal. **A alteridade permanecia como valor de referência mais elevado na comunidade.** - "quem se isola profundamente e mergulha profundamente em si mesmo, encontra a mais antiga e universal comunidade - com o gênero humano e com o cosmos". Assim Buber (1987:36) compreende uma vivência de comunidade.²

Buber nos diz que a forma da vida humana em comum não pode ser imposta de fora mas emergir do interior em cada tempo e lugar. E assim nos convence de que "somente quando o alegre ritmo da vida vence a regra, somente quando a eternamente fluente e variável lei interna da

¹ As frases em itálico são construções a partir das falas dos entrevistados. Quando o conteúdo exigir identificação do informante (nome, idade) ou qualquer referência elucidativa será indicado entre parênteses. Quando a fala for de viajante, colocaremos a palavra (biribando) entre parênteses, com a data de chegada do informante a Trancoso. Todas as entrevistas foram dadas entre 1999/2003.

² Frase de Gustav Landauer citada por Buber para expressar "esta rara e decisiva vivência".

Vida vivida substitui a convenção morta, a humanidade pode estar livre da coerção do vazio e do falso, só então encontrará a verdade, pois só o que é fértil é verdadeiro (Buber:1987:37-38). Não queremos idealizar uma vivência, mas constatar que num povoado de economia simples, e mesmo decadente economicamente, esquecido das políticas desenvolvimentistas, a comunidade persistia. Era um paradeiro... e tudo era encontro. Imensas extensões de terras pareciam ainda demarcadas "a agulha e corda" desde os tempos de fundação da Villa Nova Trancoso em 1759. Alguns nativos tinham escritura, outros proprietários já haviam desaparecido... e a terra não tinha valor algum.

E foi também por isso, que nos ecos da contracultura contemporânea, as pegadas dos hippies marcaram essas praias, o povoado e suas roças, em ritmo mais lento do que aconteceu em outros lugares da vizinhança. Não chegaram no ritmo dos especuladores de terra. Mas testemunharam um tempo de profundas mudanças nas relações inter-humanas. E no valor da terra.

A gente ainda chegou naquela de 'tudo bem, paz e amor' porque a gente não queria nada deles. E eles também não com a gente. Como nós chegamos falando que queríamos terra para uma comunidade, então eles mostraram interesse em vender. E mais nada também. Não tinham essa ânsia de vender. Talvez isso tenha amortecido um pouco a avidez especulativa do lugar (Joel, biribando, 1973).

Não me furtarei de ressaltar que ao procurar uma "terra para uma comunidade", os primeiros viajantes, e muitos deles plantaram morada em Trancoso, não se deram conta de que uma comunidade autêntica estava vindo a seu encontro, e preservá-la supunha esforço e desejo de mudança pessoal. Para Buber, comunidades

baseadas em laços de parentesco e cegamente seguidoras de tradições imemoriais configuram o tipo de comunidade, que ele denomina de a "antiga comunidade". Para ele, tribo, seita, família não esgotam o conceito de comunidade. E Trancoso ia mais além, pois era uma coisa muito boa, pura solidariedade. Isso praticamente acabou e faz falta - reagir como aldeia. Acontece alguma coisa com alguém você responde imediatamente e todo mundo está envolvido. É problema coletivo (Ricardo, biribando, 1975). E ainda: para mim foi impactante. No mesmo dia em que cheguei eu fui ver se tinha alguma coisa na praia pra vender. Eu queria uma fazenda na praia. O Moacir³ já estava comprando tudo, já tinha comprado as praias do sul todas, mas tinha ainda uma prainha que era a praia de Trancoso. Eu morei ali alguns anos. Reformei a casinha de Jeová que era 3x4 (Calé, biribando, 1975).

Ainda que alguns estivessem chegando com um "objetivo" de adquirir terras, a mudança "melancólica" da maioria para a relação instrumentalizada veio muito depois. Buber aponta que há uma reversibilidade nas relações comunitárias e sociais, estas últimas reguladas por princípios utilitários, instrumentais, funcionais e por relacionamentos externalizados. Embora no quadro da modernidade industrialista prevaleça a relação social sobre a comunitária, Buber acredita que uma nova comunidade pode ser efetivada apoiada no princípio criativo e em relações autênticas (Buber: 1987:52). Em Trancoso, percebíamos nitidamente entre os nativos a reciprocidade e o movimento dialógico. ...e Deus me abençoou que o destino mudou e foi a minha valença, porque se eu vou pro destino que eu ia, eu hoje não tinha nem pra comprar um pão. Deu certo. Meu filho me disse 'não vou tirar o sentido do senhor

3 Primeiro comprador das terras da praia. Comprou Itaquena no final dos anos 60, uma vasta praia ao sul de Trancoso, e a deixou sem uso durante toda a década de 70.

nem os seus agrado, mas já estou acostumado aqui e aqui fico perto da roça', ... aí tomei aquilo que tava certo, mais certo que eu, né? (Manoel de Vitória, nativo, 85 anos). E testemunho não falta: Os filhos dos meus amigos são uma grande família, têm muito respeito pelos outros. Aqui era uma comunidade. Você vivia pra fulano e fulano vivia pra você. Se na sua casa não tem comida, a outra dava comida pros seus filhos comer. Ninguém passava fome. Era como uma aldeia de índios. As pessoas eram responsabilidade de todo mundo. Todo mundo cuidava de todo mundo. Era bom (Raimundão, nativo, 65 anos).

Nos testemunhos ressoam relatos muito antigos, datados do século XVI, como: "este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem que comer não o guardão muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos (Cardim: 1980:88). E também: "São pobríssimos, nem tem coisa própria, nem particular" (Aspilcueta: 1555).⁴

Os jovens viajantes que chegam a Trancoso em 1970 logo aprendem que não podiam ali viver de outro modo, exceto entrando em tal fluxo de doação e entrega criativa e divertida.

O problema de um era o problema de todos. A gente dependia muito um do outro para viver. Alguém chamava... o primeiro que ouvia largava tudo e ia correndo. Em Trancoso eu senti estar com eles mesmo, de ser uma delas, de ter um reconhecimento pelas coisas que sabia fazer. Então aqui cada um era reconhecido como pessoa. Seu Dudu já tinha um poder aquisitivo, Dona Higina tinha bem menos mas tinha mais que as outras pessoas. Mas o respeito que eles tinham entre eles... cada um tinha uma função. O que a pessoa sabe fazer bem, ela está sempre pronta. Chegava a

hora de uma reza, era fulano que vinha rezar, chegava a hora de pegar e lidar com uma torcedura, era beltrano... tirar taubilha com facão era Antônio Coco, a dança do pau era Francisco Grande e Irênio (Leila, biribanda, 1973). Era uma comunidade. Antigamente não tinha médico: tinha que ser que nem índio mesmo, na raça. Eu nasci assim. Por quê? Foi porque tinha fé em Deus! O pessoal tinha mais fé (Léo, nativo, 30).

E comunidade é também, para Buber, uma união de homens que têm em Deus o horizonte último da alteridade, que só pode efetivar-se através dos encontros face-a-face dos entes, no imediato de seu dar e de seu receber. Retirados os véus conceituais, instrumentais e utilitários o indivíduo pode manifestar-se em pessoa. Em Trancoso, sagrado e profano não eram dicotomias mas vínculo, desconsiderar isso seria para Viveiros de Castro "um equívoco" (Viveiros de Castro: 2002:185) que vem desde os tempos dos jesuítas, que lamentavam que a palavra de Deus fosse acolhida por um ouvido e ignorada com displicência por outro. Aquilo que parecia inconstância, a nossos olhos contemporâneos, já pode ser apreendido como um modo de existir onde a memória permanece. E se faz visível na intimidade com que os nativos de Trancoso brincam com os santos nos dias de festa tal como na "dança do pau", com fogos de artifício, dança, bebidas, linguagem própria - "quase um dialeto", trejeitos e tambores.

A religiosidade em Trancoso, fruto de recriações culturais de quatro séculos, transpira por todos os poros, sem dogmas ou obediências. Os nativos parecem crer em tudo! Seria por que, na sua perspectiva, o outro, o exterior - os viajantes, o céu, os mitos, os inimigos, os deuses - teriam competência cognitiva e sabedoria, e antes de serem um problema, são uma solução? (Viveiros de

4 Capistrano op cit.

Castro: 2002:208-220).

Naqueles anos 70, a relação humana na comunidade de Trancoso era uma oferta diária - recebíamos presentes todos os dias: mamão, abacaxi, peixe, jaca. Não pediam nada em troca. Queriam ouvirmos falar do mundo. Nós éramos um mundo de fora. O presente que eles desejavam (Omar, 1974). Oferendas e acolhimento de algo que não são "coisas".

Segundo Sérgio Buarque de Hollanda (2001:40) "... a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida". O isolamento de Trancoso permitiu, presumo, enraizar uma singularidade, resguardada pela prática do acolhimento, e um orgulho imenso de se apresentar - sou nativo! A alguns é dado perceber. Se "no começo é a relação", o que emerge de modo mais forte aqui é a autenticidade da acolhida do outro, uma hospitalidade, algo que não cabe num conceito:

... a coisa forte de Trancoso é essa mistura. Aqui tem histórias incríveis, tem gente que conhece o mundo inteiro, chega aqui e fica desbundados! Um amigo que morou na Tailândia, conhece ilhas maravilhosas no Pacífico, outros que tiveram fazendas na praia, várias experiências distintas, em lugares paradisíacos e chegam aqui e ficam completamente desbundados. Eu posso comprar? Eu posso ser dono? E aqui não é mais bonito, não tem uma cultura forte, não tem como base coisa de milênio, de história como o México! México tem cidades astecas maravilhosas, a Guatemala... Mas aqui tem uma coisa... essa coisa do povo, essa coisa doce...(Calé, biribando, 1975).

À guiza de conclusão

Naqueles anos que antecederam a luz elétrica, a velha comunidade dos que existiam voltados-uns-para-os-outros foi se transformando. O dinheirinho circulando, mais serviço aparecendo. Ato fortemente ricos em presença onde todos os meios são abolidos passam a ser intermediados.

Até que a gente acorda... e já estamos pensando em vender nossa casinha e se sente sem lugar... Os moradores mais velhos daqui foram vendendo, foi chegando o pessoal de fora... Aí foi tomando conta aqui do Quadrado (Manoel de Vilma, 50 anos).

Algo mudou. Muita coisa mudou.

Antes da invasão turística e eletrônica junto com todos os seus bens e males, as vivências de relação de homens e mulheres nativas não eram certamente doces complacências, mas fato marcante é que as pessoas vão se distinguindo de seu próprio meio - *Dói na gente passar ali que era uma praia onde a gente mariscava, jogava bola, pegava polvo em noite de lua, e a gente nem mais passa por ali, não vê mais nem um nativo. Só os garçons, garçonetes e na cozinha*¹ (Damião, nativo, 40 anos).

Como alimentar o desejo de comunidade no processo imperativo de colocar chaves nas portas, cercas para dividir os terrenos, e moeda para intermediar o alimentar-se, o trabalhar, o banhar-se, o festejar, o receber entusiasticamente "o que vem de fora"?

Faço menção a algo que mereceria maior dedicação reflexiva. Em meio às exigências de um progresso sempre voraz e desordenado, operativamente eficiente... ouvimos a palavra de quem percebe a principal mudança - *um certo anestesiamiento do mistério e o "dolorido sinal de uma ausência"* (Bartholo, 2002:141):

¹ Refere-se a uma pousada na beira da praia, bastante sofisticada, que recebe artistas e empresários do Brasil e do mundo. São os trabalhadores nativos que fazem os serviços de hotel e são também os mais bem pagos do Povoado.

O povo fazia festa pela fé. Então foi perdendo essa coisa (Silvana, nativa). A festa de Nossa Senhora do Rosário parou porque roubaram a imagem da santa que tinha na igreja. Há alguns anos atrás começaram a roubar os santos, e uma das santas foi Nossa Senhora do Rosário, aí, ficou sem a santa, ficou a sem festa ²(Flô e Damião). As visage, as alma, até se mandaram daqui... As grandes figuras ou estão envelhecendo ou já foram pro andar de cima, como dizia o finado Licínio. Enquanto isso o mar permanece eterno, com seu sussurro que "nenhuma voz humana interrompe"³. Com muito menos caranguejos e peixes do que antes, é verdade. - Caranguejo não tem mais porque derrubaram todos os mangues, sentencia Bernarda. Se tem menos peixe, assegura o biribando Mario Cirri, - é ciclo do mar, não é resultado de influência humana local. Isso nos redime um pouco?

Mas quem deixa seu rastro no chão de Trancoso, atento para a presença nativa, ainda encontra jovens e velhos com os valores éticos e a graça de outrora, assimilando o moderno e guardando a tradição. Ou pode escutar numa boa prosa sábios conselhos como o de Seu Manoel de Vitória - *é o respeito que protege! Porque se eu adesrespeitar o seu, tô adesrespeitando o meu e de qualquer um cidadão.*

Permanecem condições de sustentabilidade da comunidade? Digo que sim. Acontecem nas festas religiosas mensais, no trabalho e na ajuda mútua, e nos ciclos e círculos de boa prosa que mantêm uma coesão. Afirmamos, sem medo de errar, que qualquer política de promoção do turismo em Trancoso, deve reelaborar a questão trancosense no quadro da transformação social contemporânea que tem efeitos de desigualdade e exclusão, propiciando ações para o desenvolvimento humano - respeito

e comunidania ao nativo e sua descendência, abertura para encontros autênticos entre viajantes e as gentes do lugar, oportunidades de receber a comunidade que acontece como presença e reciprocidade: *Trancoso tem um encanto particular que não tem em lugar nenhum! Ainda tem uma união, um conservadorismo dos antigos, nas primeiras pessoas que chegaram aqui e ficaram pra morar. Estamos ocupados em preservar a nossa amizade e a nossa maneira de ser - manter uma casa do jeito simples que é, um coração no peito pra receber um monte de gente que chega e você senta e olha e está ali, receptiva* (Dôra, biribanda, 1980).

Como? Isso é assunto para outras conversações... Por ora, vale dizer que em meio a um mundo que oferece atrações, estímulos, atividades, informações e conhecimentos em profusão... a comunidade ainda vem a seu encontro, para buscar-te. Ela te ensina, toca o íntimo e provoca o "pressentimento da eternidade", porém, "se não te alcança, se não te encontra, se dissipa".

² Essa festa foi revitalizada, "desencostada", no termo nativo, por ação resultante do movimento cultural do Projeto Trancoso - um legado ao futuro. Uma outra imagem de Nossa Senhora veio de Salvador, ofertada por uma biribanda, e o "ofício" realizou-se na casa da Frazina, a mais velha do Povoador, no dia 7 de outubro de 2001, num cenário bucólico, com fogos, tambores, café e biju. A escolha e compromisso de um festeiro também garantiu o futuro: a próxima festa (2002) aconteceu nos moldes e devoção de Trancoso Antigo, e assim permanecerá enquanto houver o signo comum e o princípio criativo a manter a comunidade e o costume. Em 2003 alguns jovens já preparam a revitalização da festa de Santa Luzia, em 13 de dezembro - são os sopros da comunidade de vida.

³ Príncipe Maximiliano (1989:223).